

QUALIDADE DO LUGAR E CULTURA CONTEMPORÂNEA: tecendo controvérsias em coletivos urbanos na atualidade¹

PAULO A. RHEINGANTZ, RAMON CARVALHO, CLÁUDIA VARGAS

LIDIA Q. VIANA, DENISE DE ALCANTARA, VALERIA R. MARTINS, FABÍOLA B. ANGOTTI

À luz das teorias, conceitos ou instrumentos que buscam sua objetivação nos diferentes campos do conhecimento relacionados com o ambiente construído, a discussão sobre *qualidade do lugar* torna-se difícil e polêmica: na atualidade, as teorias não conseguem dar conta de explicar com precisão e objetividade as experiências produzidas em um mundo que não é predefinido e que não permite soluções singulares.

Neste artigo, exploramos o tema *qualidade do lugar* como uma “rede de interfaces sociotécnicas”, configurada a partir de uma mistura ou “coletivo” de homens, coisas e técnicas, cujo movimento “apaga” as fronteiras entre sujeito e objeto (PEDRO, 1998); onde os fatos se tornam “objetivos” pela reapropriação local, em diferentes pontos ou conexões da rede, por diferentes atores (PEDRO; PACHECO, 2003). Exploramos as possibilidades de a Teoria Ator-Rede (TAR) reunir um conjunto heterogêneo de narrativas, com o propósito de contornar a precariedade e os dilemas (Cukierman 2007) presentes no entendimento de *qualidade do lugar*.

Seguindo os princípios da TAR, cada autor é considerado um efeito das redes, que não se limita a "um corpo e uma mente", mas que participa e molda outras redes. Como a rede estabelece um campo de tensões heterogêneas onde o resultado não necessariamente é a síntese, o texto também se constitui em um **ator-rede**, configurado a partir de um conjunto não linear de narrativas. Por sua vez, estas exploram os caminhos escolhidos por seus autores para traduzir seu entendimento da TAR e seus possíveis entrelaçamentos e aplicações na Arquitetura, seja no ensino de projeto, na avaliação pós-ocupação (APO), na análise morfológica, nas relações pessoa-ambiente ou sociedade-natureza.

Para dar conta de nossos propósitos, nos valemos, basicamente, de duas noções-chave: **coletivo**, designação utilizada por Latour (2001) para fazer referência à associação de humanos e não humanos, em um processo de mediação com responsabilidade dividida entre as partes envolvidas, de modo a evitar a separação entre natureza e cultura ou entre humanos e não humanos; e **tradução**, que enfatiza a continuidade dos deslocamentos e transformações que ocorrem na rede – se refere à capacidade de qualquer ator de uma rede de “decodificar” os anseios, as ações e as linguagens dos demais atores.

¹ Este artigo reúne resultados dos projetos *QUALIDADE DO LUGAR E CULTURA CONTEMPORÂNEA: revisão conceitual na perspectiva das redes de fluxos* [Bolsa produtividade CNPq/Proc. 304753/2007-6 e Edital Universal CNPq/Proc. 476033/2009-8], *TECENDO A QUALIDADE DO LUGAR: cartografando narrativas e experiências de urbanidade* (Bolsa produtividade CNPq Proc./303365/2010-2) e, também, de três pesquisas de doutorado, sendo uma com bolsa da Capes e outra, do CNPq.

Seguir os atores na rede e deixá-los falar – mapear a dinâmica das traduções recíprocas – possibilita apreender a rede tal como ela se faz, compreender a dinâmica dos processos e evidenciar seu caráter contextual e contingencial.

Ao caracterizarmos nosso grupo e pesquisas como uma rede sociotécnica, nos baseamos na interdependência dos diversos atores envolvidos – humanos e não humanos (LAW, 1992). Buscamos ordenar elementos heterogêneos em torno de um mesmo fio condutor. Elementos que resultam em intervenções que navegam em um mar revolto de certezas e incertezas.

Para facilitar a leitura e evitar ambiguidades, o texto está estruturado em cinco seções e as autorias são sempre explicitadas: quando for escrito pelo grupo, será utilizada a primeira pessoa do plural; quando escrito individualmente, a primeira pessoa do singular. Assim, apresentamos, em ordem cronológica, os percursos percorridos por cada um na construção do nosso coletivo.

Em *Sobre Espaço, Ambiente, Lugar e Qualidade do Lugar*, apresentamos nosso entendimento de termos que são utilizados em diferentes campos do conhecimento e com diferentes significados. A seguir, em *Como (e Por que) Caímos na Rede*, Paulo Rheingantz apresenta o caminho trilhado com seus parceiros e orientados do Grupo Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR). Em *O Coletivo Qualidade do Lugar na Atualidade*, Lídia Viana trata da noção de lugar e da configuração da Arquitetura na atualidade a partir da TAR; Ramon Carvalho, por sua vez, em *A Teoria Ator-Rede no Ensino de Projeto de Arquitetura*, explora as contribuições da TAR para o Ensino de Projeto de Arquitetura; por fim, Cláudia Vargas investiga as possibilidades da TAR, em *Qualidade dos Lugares destinados à Alimentação Fora do Lar*, na análise dos processos que envolvem as relações travadas nos ambientes dessa atualidade e as associações intrínsecas determinantes das redes que os integram e qualificam.

Nosso objetivo é fazer circular nosso entendimento do campo da Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS) e de suas possíveis aplicações na Arquitetura. Como o sucesso de uma *tradução* depende da capacidade dos atores em arregimentar aliados ou abrir caminho para uma descrição mais simétrica dos processos envolvendo entidades bastante distintas, colocamos nossas traduções de *qualidade do lugar em ação na rede*. Caso sejamos bem-sucedidos, nossa expectativa é a de que seu conteúdo possa servir de base para tecer, em conjunto com os autores ou leitores, novas redes alinhadas com os desdobramentos ou deslocamentos resultantes dessas associações. Esperamos que os leitores descubram que o artigo e/ou o livro constituem um coletivo, ou rede, em que o todo é mais do que a soma de suas partes.

1 – ESPAÇO, AMBIENTE, LUGAR E QUALIDADE DO LUGAR

Reconhecendo a diversidade de significados de algumas expressões relacionadas com a qualidade do lugar, a seguir apresentamos nosso entendimento de termos utilizados em diferentes campos do conhecimento com distintos significados.

A atualidade pode ser caracterizada pelos efeitos das novas tecnologias que transformam o mundo em um só lugar, ilimitado, imaterial, atemporal; que provocam significativa redução no processo de entendimento do homem sobre o que está à sua volta; que resulta no surgimento de novos modos de territorialidade e na instabilidade da preservação das diversidades culturais, do singular, do simbólico, e dos lugares. As tecnologias da informação e a realidade virtual transformam radicalmente nosso entendimento e experiência de cidade: ao mesmo tempo em que nos tornamos habitantes de uma cidade sem território, nossos lares se transformam em recipientes do mundo.

As cidades concentram os nós de conexão aos diversos tipos de redes e se caracterizam, de modo paradoxal, por sua conexão física e social com o globo e por sua desconexão do local, que passam a configurar uma nova forma urbana. Suas extensões territoriais são marcadas pela descontinuidade de padrões de uso (RHEINGANTZ *et al.*, 2005). O ambiente construído e seus elementos de conexão simbólica – edifícios com ambientação semelhante em todo o planeta, para garantir alguma familiaridade com o mundo no interior e induzir à abstração do mundo ao redor – configuram um ambiente relativamente segregado, afastam a Arquitetura da história e da cultura locais e a tornam refém da abstração produzida pelas novas tecnologias da informação.

A discussão de conflitos e contradições gerados por esse processo e seus reflexos sobre o ambiente construído sugerem duas posturas nas relações pessoa-ambiente: a necessidade de recuperar a qualidade dos ambientes urbanos e de suas funções elementares de proteção e de identificação; e a busca pela reintegração do homem com seu ambiente físico.

Aqui emergem duas questões, relacionadas com os ambientes públicos geradores de satisfação e de atração em seus usuários humanos: qual é a influência do projeto original na qualidade de um ambiente construído e no seu reconhecimento como um lugar especial? "Em que medida o sucesso de um lugar pode ser previsto e como é possível incorporar essas informações nos futuros projetos?" (RHEINGANTZ *et al.*, 2005: 104)

O aprimoramento do processo projetual – especialmente a adequação do ambiente construído às necessidades e expectativas dos moradores e usuários – passa pela identificação e observação sistemática dos lugares de reconhecida qualidade, buscando identificar suas forças estruturantes e os fatores geradores de suas qualidades. Interessa-nos a possibilidade de considerar a contribuição ou o papel dos actantes² humanos e não humanos – em especial o projeto, o ambiente em uso, e os seus frequentadores humanos – no entendimento desses lugares.

Em lugar do uso metafórico da noção de **espaço** adotada por outras disciplinas (SCHLEE, 2009), que se limita às dimensões e características físicas do ambiente natural ou construído, quando fazemos referência

² Para evitar que o termo ator seja entendido como somente destinado a humanos, Latour (2004: 370) propõe que seja adotado, em lugar da palavra **ator**, o termo **atuante** (ou **actante**), que "diz respeito aos humanos e não humanos".

aos significados simbólicos e psicológicos, adotamos a designação **ambiente**, que se refere a um conjunto complexo e dinâmico de relações sociotécnicas, ao espaço experimentado, vivido, relacional e que se transforma permanentemente (SCHLEE *et al.*, 2009).

Reconhecemos **lugar** como "uma arrumação que produz o singular" (YÁSIGI 2001: 38). Como os antigos romanos, acreditamos que todo lugar seja possuidor de um espírito próprio, ou *genius loci*, que representa a energia, o princípio de unidade e a continuidade do lugar (WALTER 1988).

Qualidade de um lugar, por sua vez, está relacionada com um sentimento de difícil explicação, uma vez que inclui valores, sensações e concepções relativas ao conjunto de atributos físico-formais do lugar, bem como as atividades e ações que ali são exercidas. Entendemos **qualidade do lugar** como uma construção, cuja configuração física e sentido paisagístico são influenciados, senão determinados, pela ação de arquitetos e urbanistas (YÁSIGI 2011).

2 – COMO (E POR QUE) CAÍMOS NA REDE

Desde minha primeira experiência com a Avaliação Pós-ocupação (APO), a interação com os usuários evidenciou as limitações dos instrumentos estruturados então utilizados. As experiências de campo, durante as minhas pesquisas de mestrado e de doutorado, motivaram a busca de respostas para as razões que justificam construir edifícios e cidades de vidro, concreto e asfalto em pleno trópico. Concluí que a rejeição aos princípios e recomendações da Arquitetura bioclimática e do bom desenho urbano resulta, em parte, da própria prática dos pesquisadores, arquitetos e urbanistas, ainda prisioneira “de uma racionalidade científica neutra, destinada a destruir o que não pode compreender e contra a qual deveriam ser defendidas as questões e as paixões que dão sentido à vida humana” (PRIGOGINE; STENGERS, 1992: 20).

Passei, então, a buscar uma Arquitetura mais preocupada com a subjetividade das coisas vivas e suas paixões. Os resultados podem ser resumidos em uma frase: os edifícios ou lugares são o que esperamos deles (ALLEN 1982). Mas o que, exatamente, as pessoas esperam dos edifícios e lugares que habitam? A cada novo 'monumento à irracionalidade' produzido pelo *Star System*³, crescem as evidências de que a Arquitetura abandona as suas origens e a sua finalidade ética: tornar a vida terrena mais confortável para os humanos, sem colocar em risco as outras espécies e o próprio planeta.

Assim, procurei entender os modos como as pessoas vivenciam, utilizam e traduzem os lugares e ambientes em seu cotidiano. Mas as respostas da aplicação dos instrumentos estruturados nos trabalhos de campo com APO⁴, quando confrontadas com as observações de campo ou com as conversas com os usuários, se mostravam insatisfatórias e contraditórias. O mesmo aconteceu ao confrontar a percepção dos

³ '*Star-system*' é a denominação dada ao um grupo seletivo de arquitetos, de renome internacional, que elaboram projetos em diversos países e são conhecidos, também, como '*starchitects*', ou 'estrelas da arquitetura'.

⁴ APO dos edifícios RB1 (1996), BNDES (1997), Clínica São Vicente (1998), CAP/UFRJ (1999) e INPI (2000).

usuários com os critérios de desempenho ambiental estabelecidos pelas normas e sua pretensão de eliminar a subjetividade e ajustar a percepção dos humanos a padrões predeterminados.

Nos eventos que abordam a APO, prevalece um desejo, não devidamente explicitado, de 'neutralidade' ou 'imparcialidade'. Os trabalhos, em geral, replicam argumentos em repetitivos relatos de procedimentos com extensos conjuntos de dados, variando apenas os 'objetos de análise'. A produção aponta para um acomodamento – com argumentos originados há mais de duas décadas – e para a valorização de uma precisão frequentemente confundida com mérito ou rigor científico. A eficácia dos instrumentos, a precisão e a imparcialidade dos resultados "falam por si mesmas" e tornam dispensável a opinião e o conhecimento dos seus autores, que se contentam com o papel de meros aplicadores.

Mas a proposição "viver é conhecer" (MATURANA; VARELA 1995) indicou a conveniência de resgatar a opinião e a experiência do observador durante a observação. Assim, os pesquisadores do ProLUGAR começam a buscar outros horizontes. Na APO do Edifício do BNDES, o contato com os usuários indicou as limitações da cartilha *behaviorista* e da física do conforto ambiental, que não atentam para as razões dos comportamentos e para os valores e percepções dos usuários. Em diversas situações, o cruzamento dos resultados das medições realizadas com o apoio de instrumentos não coincidiu com a avaliação dos usuários. As dúvidas sobre a capacidade do discurso científico de dar conta da complexidade dos ambientes em uso se transformam em certezas.

A parceria com Rosa Pedro, iniciada em 2004, nos incentivou a ajustar, construir e utilizar instrumentos menos ou mesmo não estruturados (RHEINGANTZ *et al.* 2009). A pesquisa conjunta *Projeto e Qualidade do Lugar: cognição, ergonomia e avaliação pós-ocupação do ambiente construído*⁵ serviu de suporte para uma disciplina de mesmo nome, ministrada nos cursos de Mestrado e de Doutorado em Arquitetura em 2005. A pesquisa, a disciplina e os trabalhos de campo contribuíram para delinear os fundamentos da *abordagem experiencial da APO*, que se baseia na experiência de interação do observador com o ambiente e seus usuários, e resgata a importância do papel do observador.

A participação nas reuniões da pesquisa *Redes de Controle e Vigilância: Dinâmicas psicossociais a partir de novos dispositivos tecnológicos* (2009)⁶ e a participação, como aluno-ouvinte, da disciplina *Fatos e Artefatos como Construções Sociotécnicas*, ministrada por Henrique Cukierman e Ivan Marques, na COPPE/UFRJ, contribuíram para reduzir a dificuldade de lidar com uma abordagem não moderna, além de despertarem a curiosidade em testar a TAR no entendimento de *qualidade do lugar*. A necessidade de revisar a base conceitual da abordagem experiencial na perspectiva das redes de fluxos resultou em novo projeto de

⁵ Com a colaboração de Mário Vidal, do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ.

⁶ Coordenado por Rosa Pedro, investiga o papel das novas tecnologias de controle e vigilância, integradas aos espaços públicos semipúblicos e privados da cidade do Rio de Janeiro; suas repercussões nos processos de subjetivação e socialização.

pesquisa: *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: revisão conceitual na perspectiva das redes de fluxos*⁷.

A partir de 2010, seguimos na busca por aprofundar nosso entendimento da TAR e por uma maior aproximação com a diretriz metodológica para o estudo das redes proposta por Latour (2000): *cartografar a dinâmica das redes sociotécnicas articuladas aos novos dispositivos de controle e vigilância*, seguindo as “redes em ação”, para “seguir os atores” ou apreender a rede “tal como ela se faz” (LATOURE 2000), mapeando seus discursos e práticas.

Diferenças no foco de interesse e a incompatibilidade de agendas inviabilizaram a formatação de uma pesquisa única. O grupo das Redes de Vigilância acompanhou a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas favelas cariocas e realizou incursões conjuntas em uma ou duas favelas com UPPs, que também foram objeto de projetos de urbanização e melhorias, escolhendo o Dona Marta como estudo de caso. O grupo ProLUGAR, por sua vez, se interessou pelo estudo das transformações produzidas pelas noções de *rede* e *coletivo* no conceito de lugar, bem como de suas interferências no ensino e na concepção em Arquitetura e urbanismo.

Desdobramento das duas pesquisas, o *workshop Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos* (2011) foi concebido com o propósito de reunir pesquisadores que têm se dedicado a estudar as redes de vigilância e a qualidade do lugar na perspectiva das redes.

Buscando coerência com a ideia latouriana da *Ciência em Ação*, nas seções seguintes apresentamos um conjunto de traduções relacionadas com o andamento de três pesquisas de doutorado vinculadas à pesquisa *Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade*.

3 – O COLETIVO QUALIDADE DO LUGAR NA ATUALIDADE

Para analisar os impactos trazidos pela noção de rede e coletivo de Latour no conceito de lugar e suas interferências na concepção da Arquitetura na atualidade, nesta seção retomo alguns questionamentos sobre a relação entre contexto e configuração do espaço, fundamentadas nas noções de genealogia e arqueologia de Foucault (1987), e do entendimento de que espaço só pode ser compreendido na sua completude como um *lugar* (VIANA 2009).

Em diversos momentos temporais, notam-se modos de ordenar o espaço arquitetônico característicos, que mantém as relações entre ambientes (e não a configuração formal) conferidos pela percepção, associada a uma rede sociotécnica, independente do seu programa ou função. Desse modo, a TAR fundamenta a

⁷ Contemplada com bolsa produtividade do CNPq (proc. 304753/2007-6) e com recursos do Edital Universal CNPq (proc. 476033/2009-8)

pesquisa na medida em que se busca mapear controvérsias, instabilidades e movimentos presentes no entendimento da Arquitetura na dinâmica heterogeneidade de seus contextos sociotécnicos.

A cultura contemporânea passa por grandes transformações associadas à tecnologia da informação, que produzem impactos na percepção humana e na concepção da Arquitetura, acompanhados por questionamentos sobre a produção dos espaços físicos – Arquitetura material – e seu papel na atualidade.

A noção de simultaneidade produziu importante transformação na noção de tempo: a substituição da ideia de continuidade pela de tempo instantâneo, de situação ou de ocasião, constrói, segundo Jamenson (1996), um tempo fragmentado em “presentes perpétuos”. Esse movimento coloca a Arquitetura diante de um impasse: como lidar com a materialidade e a estabilidade dos edifícios frente à noção de tempo instantâneo e de efemeridade do lugar?

O lugar da atualidade pode ser entendido como “intensos focos de acontecimentos, concentrações de dinamismo, torrentes de fluxos de circulação, cenários de fatos efêmeros, cruzamentos de caminhos, momentos energéticos” (MONTANER 2001: 44). Lugares de informação, experimentação e interação, cujos limites físicos podem se diluir ou se tornar imperceptíveis. São os *espaços midiáticos* – museus que operam como contenedores de experiências induzidas pela interação artificial; as *mega arquiteturas* – lugares de consumo e lazer que impossibilitam a criação de vínculos pela rápida passagem e nos tornam anônimos – *shoppings*, aeroportos etc.; os *espaços virtuais* – impalpáveis e que propiciam experiências sem um meio físico consolidado, tendo em comum a valorização da interação e a não relação do lugar com o contexto ou o espaço físico – Internet, telefone etc. A Arquitetura se transforma em espaço genérico ou de mediação dos acontecimentos. (MONTANER 2001)

Sperling separa a Arquitetura da atualidade em duas categorias: *mega arquitetura* – cujo programa é pensado a partir dos eventos a abrigar, como uma estratégia, em que acontecimentos determinam relações entre espaços/compartimentos; *Arquitetura híbrida e digital* – uma interface espaço-comunicativa, “área fronteira entre a consistência física e o mundo virtual” (SPERLING 2008: 114) característica das vanguardas da atualidade. Ambas mostram a dissolução física do espaço, a desvalorização da forma a priori e a valorização da experiência. Incorporam a impureza das coisas, pessoas e lugares e a impossibilidade de verdades eternas.

O coletivo se transforma em um conjunto de relações pessoa-ambiente cuja complexidade dificilmente pode ser enquadrada ou interpretada a partir de conceitos isolados – tais como composição, função, tipologia, partido – que não dão conta do entendimento de certos edifícios ou lugares.

Arquiteturas midiáticas, como os museus que permitem a interação do/com o usuário ou criam ambiências sensitivas a partir de dispositivos tecnológicos que se tornam incompreensíveis de um ponto de vista físico-funcional. O meio ambiente configura um *coletivo* ou *lugar* como uma associação de diferentes actantes

que compartilham as mesmas qualidades espaciais. Arquiteturas efêmeras digitais estabelecem fronteiras, delimitam espaços, produzem ambiências, configuram Arquiteturas reconhecíveis. A dissolução do espaço material não impossibilita a ocorrência de experiências, o estabelecimento de vínculos e de sentimentos.

A produção dessas arquiteturas tem em comum a ênfase nas relações formais e nas associadas à lógica de rede. Desse modo, essas conexões não se referem mais a relações espaço-funcionais, mas interconexões entre espaço/compartimentos vistos como bases temporais de experiência da pessoa (DUARTE 1999). As articulações espaciais passam a ter importante papel na medida em que proporcionam conectividade, continuidade, proximidade entre os ambientes, que são atributos estudados anteriormente à forma, e fortemente associados ao modo de usar e vivenciar o lugar (AGUIAR, 2002).

O lugar se constitui de vida, do movimento de pessoas e acontecimentos. Cada movimento estabelece novas relações, e assim sucessivamente. A Arquitetura não pode mais ser compreendida, em sua completude, excluindo-se fatores externos ao objeto. O edifício é ele próprio a mudança, o elemento desencadeador de uma transformação urbana. O objeto arquitetônico ressalta, o tempo todo, a passagem do tempo e o movimento característico da dinâmica da vida.

Diante desses pressupostos, considero que o entendimento de rede (ou coletivo) de Latour contribui para a compreensão dessas questões na medida em que mistura os actantes humanos e não humanos, dissolvendo o domínio humano sobre os fatos/artefatos. Esse ponto é fundamental para o entendimento do processo de projeto na atualidade, de difícil explicação ou apreensão quando dissociado de seus objetos e aparatos tecnológicos. Esses últimos, por sua vez, de nada serviriam sem a presença humana, já que não haveria interação ou ação no espaço e nem mesmo a constituição da rede (coletivo).

4 – A TEORIA ATOR-REDE NO ENSINO DE PROJETO DE ARQUITETURA

Nesta sessão, procuro abordar a contribuição do entendimento de **rede sociotécnica** e de **coletivo** para a compreensão do processo de construção do conhecimento no ateliê de Projeto de Arquitetura (PA).⁸ Acredito que a incorporação desses termos *latourianos* na Arquitetura ocorre quando o ambiente – construído ou natural – é entendido como resultado de um processo de projeto desenvolvido por um coletivo.

A aproximação das práticas pedagógicas adotadas nas disciplinas de PA com os fundamentos da TAR se dá quando passamos a considerar que o processo de projeto não pode ser compreendido levando-se em conta somente as reações humanas resultantes da reflexão-na-ação⁹. No ateliê de projeto, entram em cena os actantes de uma rede sociotécnica configurada pelo coletivo de estudantes, professores, mobiliário e

⁸ Inicialmente abordada na pesquisa *A Construção do Conhecimento no Atelier de Projeto* (1998), hoje incorporada ao Projeto de Pesquisa *TECENDO A QUALIDADE DO LUGAR: cartografando narrativas e experiências de urbanidade*, (RHEINGANTZ, 2010).

⁹ A reflexão-na-ação (SCHÖN, 2000) propõe que a elaboração de um projeto deve ser realizada sempre com a análise daquilo que se faz – ou se está fazendo – para que a solução final seja construída de modo embasado e crítico.

equipamentos, desenhos, maquetes, documentos, leis, decisões políticas, técnicos de órgãos públicos, condições climáticas, custo da obra, materiais de construção, entre outros – elementos que estabelecem o caminho, a história de um projeto, os **nós** de uma trama. É o agenciamento deste coletivo que possibilita o trabalho no ateliê de projeto, fundamental para a construção do conhecimento na formação do arquiteto. Alguns argumentos podem nos dar pistas de como entrar nesta rede.

Fazer é pensar. O trabalho manual pode estimular o trabalho da mente e o instrutor e a organização socioespacial de um ateliê de projeto podem influenciar no desenvolvimento das habilidades (SENNETT, 2009). Mas além de um treinamento adequado e de uma habilidade inata, é necessário que os elementos humanos interajam com os não humanos que compõem a rede ou o coletivo.

O homem não possui a verdade absoluta nem um conhecimento verdadeiro, objetivo e global, que o autoriza a se conceber como um ser superior. Ele é parte de um coletivo de "espaços constituídos por naturezas/culturas onde proliferam os 'quase-sujeitos' – cuja configuração é sempre parcial e provisória" (PEDRO, 1997: 93) e que implicarão em novas práticas de conhecimento.

A ciência moderna pode ser entendida como uma rede que, para se naturalizar e solidificar, precisou se expandir de modo drástico, mobilizando e recrutando múltiplos aliados. Nesta trajetória de expansão, os enunciados tornaram-se fatos, solidificando-se. É nesse sentido que podemos afirmar que o conhecimento – e a ciência não configura qualquer exceção – é sempre coletivo e não pertence a ninguém. É a circulação que o mantém vivo (PEDRO 2001: 51)

No ateliê de PA, a produção do conhecimento passa pela antiga (e polêmica) dicotomia *teoria versus prática* da Modernidade, que pode ser superada pelo entendimento de rede sociotécnica na medida em que segue um caminho formado por estratégias, alianças e desvios em que teoria e prática se tecem conjuntamente (PEDRO 2003).

Entendida como um artefato, a busca destes fluxos em constituição e a compreensão do processo de produção do conhecimento na Arquitetura operam na tentativa de elucidar o processo cognitivo presente na ação projetual. Considerando as características do trabalho do arquiteto que, em grande parte decorre de um conhecimento tácito, esta não é uma tarefa simples.

Entrar na rede sociotécnica *ateliê de projeto* possibilita observar a *ciência em ação*; tentar estabelecer um dos fios condutores do processo de projeto e os desvios definidos pelos nós; verificar o agenciamento dos actantes e a (possível) chegada a um resultado final. Desse modo, defendo que a construção do conhecimento no ateliê de PA passa por compreendermos que o coletivo de humanos e não humanos que compõe essa rede pode auxiliar a elucidar muitos dos aspectos ainda nebulosos no processo de ensino desta disciplina.

Como na *ciência em ação*, não existe uma "porta de entrada principal", *a priori*, e nem um caminho preestabelecido a ser percorrido, podemos entrar pela "porta dos fundos", identificar os diversos

atores/actantes humanos e não humanos que integram a rede do ateliê e segui-los; podemos contar "uma outra história" em lugar de acreditar em uma "história verdadeira".

Indo ao encontro dos argumentos expostos na sessão anterior, considero que a incorporação do entendimento de rede e coletivo às práticas pedagógicas utilizadas no ateliê de PA contribui também para a compreensão de como se dá o processo de desenvolvimento do projeto nas disciplinas de projeto. Abandona-se a ideia de que somente o estudante e o professor são os protagonistas e elementos definidores do projeto e passa-se a considerar a importância e a agência dos demais actantes, não em menor grau que os humanos, muitas vezes são tão ou mais decisivos que a opinião/decisão do projetista.

5 – QUALIDADE DOS LUGARES DESTINADOS À ALIMENTAÇÃO FORA DO LAR

Até pouco tempo, acreditava possuir um objeto de pesquisa, uma questão e um Lugar, mas nenhuma pista do caminho a trilhar diante da complexidade de envolventes que se embaralhavam à minha frente. Em meu primeiro contato com as proposições da TAR, as peças do quebra-cabeça se dispuseram no jogo, bastando seguir as pistas deixadas pelas próprias peças e as possibilidades e impossibilidades de encaixes.

Com este preâmbulo, descrevo meus dois principais interesses em tecer o entendimento de Arquitetura com base na TAR: a complexidade de actantes presentes em nossas ações do cotidiano e seus entrelaçamentos com os lugares de nossa experiência, ou seja, o interesse em estudar o modo como os actantes da Arquitetura "mobilizam, justapõem e mantêm unidos os elementos que o constituem" (LAW, 1992); e o desejo de entrelaçar os saberes-e-fazerem da prática profissional com a pesquisa acadêmica.

Nas cidades da atualidade, proliferam "*shopping malls*, cenários históricos, restaurantes, locais de entretenimento, complexos esportivos, complexos híbridos, cinemas *multiplex*" (CASTELLO 2007: 1), entre outros, como áreas de convívio e pluralidade que substituem as praças das cidades: faço referência aos *lugares de clonagem* ou *ambientes temáticos*, "que copiam qualidades de outros lugares, ou que criam o que se acredita atribuir qualidade a um espaço urbano" (CASTELLO 2007: 1-2), e que, nem por isso, deixam de possibilitar experiências gratificantes para quem os utiliza; e, também, aos ambientes que buscam refletir reminiscências/referências de outros lugares e culturas distintas. Uma tendência ao cosmopolitismo (ou à homogeneidade) que supera, como já referido anteriormente, diversidades regionais, econômicas e socioculturais.

É de meu interesse refletir sobre os processos de identificação que produzem o entendimento de *Qualidade do Lugar* nos ambientes destinados à alimentação fora do lar – *food services*¹⁰, aqui considerados lugares públicos da atualidade. Procuro estabelecer relações entre os elementos que

¹⁰ Termo também utilizado no Brasil. *Food service* é o mercado que envolve toda a cadeia de produção e distribuição de alimentos, insumos, equipamentos e serviços, orientado a atender os estabelecimentos que preparam e fornecem refeições efetuadas principalmente fora do lar. (ECD Consultoria Especializada em *Food Service*, 2007).

compõem este quadro e sua consequente prevalência sobre a complexidade e diversidade do conjunto de actantes envolvidos neste coletivo.

O ato de alimentar-se fora do lar não se limita somente à alimentação em si: ele inclui tecer relações com os outros e com o ambiente. Com isso, os serviços de alimentação extrapolaram suas antigas funções para adquirirem outras, que influenciam em gostos, preferências e escolhas relacionadas com a variedade crescente de modos de vida (FEATHERSTONE 1995; FINKELSTEIN 2005). Estes fatores são determinantes nas relações que se desenvolvem ali e interferem em sua estrutura espacial – inclusive nas áreas de atendimento ao público e nas operacionais.

Em contrapartida, pesquisas, entrevistas e matérias com projetistas que atuam no setor indicam que no projeto destes ambientes predomina a atenção às áreas de atendimento ao cliente, em detrimento das operacionais. Como esse problema persiste no planejamento e gerenciamento de novos estabelecimentos do setor (DONNA 2010; FONSECA 2006), a TAR pode ser útil para fazer emergir as dificuldades na sua concepção, em especial aquelas decorrentes da falta de investimento e do reconhecimento por parte dos actantes do processo de gestão.

Ao tratar dos *food services* e do conjunto de fatores e ações que abrangem estes ambientes, a narrativa não deve focalizar apenas o delineamento dos aspectos sociais que compõem este quadro. Ela deve atentar para a tessitura e os desdobramentos destas redes de composição altamente heterogênea, que reúnem: o processo de fabricação de alimentos – espaço físico, equipamentos, produtos, homens e normas; a operação – função, fluxos, ambiente, clientes, funcionários, gestores, alimentos, cardápio e redes de comunicação; o projeto – o processo de fabricação de alimentos, a operação, as normas e regulamentos, a ambiência, usuários, gestores, arquitetos e profissionais envolvidos com o processo de projeto.

Uma primeira vantagem do pensamento em redes e de suas inter-relações é a possibilidade de nos libertar da “tirania da distância” ou “proximidade” (LATOUR 1997: 3); elementos que parecem ter ligações com a qualidade dos lugares destinados à alimentação fora do lar podem evidenciar conexões bastante remotas, enquanto outros elementos, aparentemente muito distantes, como a inserção desses lugares em uma indústria globalizada, multibilionária e internacional, podem manter conexões estreitas quando postos em cena.

Nesse sentido, procuro associar a TAR com a APO, em busca de uma abordagem que possibilite superar as práticas intuitivas que, muitas vezes, sugerem iniciativas equivocadas no planejamento e no projeto de novos estabelecimentos ou de reformas dos existentes¹¹. Associadas à TAR, as APOs podem contribuir para resignificar e retroalimentar as premissas e fundamentos da concepção e do projeto dos ambientes

¹¹ Existem muitos casos de estabelecimentos que abrem e fecham suas portas em pouco tempo.

destinados à alimentação fora do lar na atualidade, bem como os valores relevantes para a qualificação desses lugares.

Seguindo os fundamentos da TAR, a pesquisa empírica serve para mapear as diversas traduções que se produzem nestes lugares através de seus actantes e identificar barreiras de relacionamento – os *nós* da rede. Essa escolha baseia-se na heterogeneidade e em interesses distintos desses actantes, à procura de confrontações. Os instrumentos utilizados usualmente nas APOs servirão como porta-vozes dessas traduções, apresentando os aspectos subjetivos e objetivos que envolvem estes lugares: o delineamento das redes.

Assim, o conjunto metodológico proposto para a pesquisa poderá fornecer pistas importantes devido ao universo de interpretações ou traduções advindas de contextos diversos referentes aos envolvidos na ação; ou seja, a multiplicidade de significados – interpretações ou traduções – que podem coexistir em um mesmo Lugar, no mesmo espaço/tempo, onde não cabe o entendimento de **Lugar e Qualidade do Lugar** independente da complexidade de seu coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os três passos do mapeamento dinâmico das controvérsias indicado por Rosa Pedro (2009), este artigo evidencia que os seus autores ainda encontram-se no passo 1 – traçar a gênese de uma rede desenhada a partir dos seus atores e da historicidade de cada processo. Para a cartografia da rede, ainda precisamos nos apropriar melhor dos dois passos seguintes: a "rede em ação" e a prospecção ou visão de futuro das redes de lugares na perspectiva dos seus actantes.

Mas algumas evidências, a começar pelo **entendimento de lugar como um conjunto de relações entre actantes humanos e não humanos a ser devidamente mapeado em suas dinâmicas**, indicam o acerto de nossa tentativa. Nessa perspectiva, qualidade de lugar passa a ser uma relação, e não uma qualidade concebida pela mente, conhecimento ou cultura dos humanos, nem um atributo dos elementos físicos que a constituem.

Esse entendimento possibilita a compreensão do ambiente construído na dinâmica de sua ocorrência, a partir das suas relações. Implica, portanto, em uma revisão e transformação dos materiais e métodos para o entendimento da concepção, da produção e do uso da Arquitetura na atualidade. A pesquisa abre caminho para estudos acerca da qualidade presente na espacialidade contemporânea e a relação de seus atributos com as lógicas de rede. Do mesmo modo, para estudos que não se limitem somente ao objeto arquitetônico ou a seu campo de conhecimento específico, mas incluam as relações que o configuram como tal, possibilitando uma abordagem ampla do problema. Um modo diferente de olhar e mapear o projeto pode incorporar ao ensino a noção de qualidade em relação às possibilidades experienciais no ambiente.

A historicidade do processo de produção de conhecimento na elaboração de um projeto de Arquitetura pode ser delineada de diferentes maneiras, a partir de um ponto de observação previamente estabelecido ou tido como mais importante pelo pesquisador. Contudo, a "nossa história" deste processo será contada levando em conta os actantes que configuram a rede sociotécnica *ateliê de projeto* e suas ações nessa rede. Na presente pesquisa, as definições ainda são incipientes, como o estabelecimento do ateliê de projeto como laboratório. Ainda não há avanço no sentido de *entrar na rede*, de ver a rede em ação e de estabelecer os actantes que dela participam. Tais escolhas se darão à medida que os caminhos forem percorridos, de modo a (re)conhecer os actantes e (tentar) identificar o fio condutor que orientará a "nossa história".

Ao discutirmos as bases e/ou como são construídas as noções sobre *Qualidade do Lugar* nos novos lugares públicos que se fundam diante do contexto atual, podemos contribuir para a ampliação deste conceito a partir do entendimento da complexidade das redes que envolvem o Lugar e da preocupação com o atendimento simultâneo aos diversos personagens envolvidos e suas necessidades tão distintas. Assim, trazemos nossas primeiras reflexões sobre propostas metodológicas adotadas para a pesquisa – sob o prisma do arcabouço teórico da TAR – como solução para o entendimento dessa complexidade. Na prática, a escolha pela pesquisa de campo e pelos instrumentos utilizados usualmente em APO, associados a um conjunto de narrativas obtidas em publicações sobre os projetos/ambientes, servem como porta-vozes de traduções, apresentando os aspectos subjetivos e objetivos que envolvem os lugares: delineando as redes. Esse instrumental, proposto como *porta-voz* do projeto e, em consequência, do ambiente construído, apesar de pouco usual e de suscitar questionamentos sobre a sua “neutralidade”, tem se mostrado bastante eficaz como gerador de traduções desse actante.

Nosso caminho apenas começa a se delinear e promete ser longo até a obtenção de quaisquer resultados. Esses também serão uma tradução, diante de tantas possíveis, localizadas no tempo e espaço. Cabe esclarecer que não existe tradução isenta e o interesse neste tipo de abordagem se sustenta, exatamente, pela possibilidade de trazer à tona narrativas carregadas de influências desse nosso espaço/tempo vivido – experienciado.

Esperamos que, ao entrar em laboratório para contar a "história", os fios heterogêneos que se entrelaçam e nos conduzirão - como uma rede sociotécnica – gerem uma compreensão ainda maior das dinâmicas e processos relacionados ao fazer arquitetônico. Procuramos, assim, contribuir para a discussão sobre práticas pedagógicas de ensino de projeto e para a reflexão sobre os novos parâmetros de projeto na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, D. **A Alma Espacial**. In: *Arquitextos*, texto especial 121, 2002.
- ALCANTARA, D. de. **Cognição Experiencial e Requalificação de Centros Históricos: os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do *Gaslamp Quarter* em San Diego**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura)

- ALLEN, Edward. **Como Funciona um Edifício**. Barcelona: G. Gili, 1982.
- CALLON, M. *Society in the making: the study of technology as a tool for sociological analysis*. In: BIJKER, W.; HUGHES, T. & PINCH, T. (Ed.): **The social construction of technological systems**. Massachussetes: The MIT Press, 1999.
- CASTELLO, L. **A Percepção do Lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. Porto Alegre: PROPAP-UFRGS, 2007.
- CUKIERMAN, H. **Yes, nós temos Pasteur**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- DONNA, E. Prato Cheio. In: Cristiano Eloi (Entrevista). **Distribuição**. São Paulo, n. 205, fev. 2010. Disponível em: <http://www.revistadistribuicao.com.br>. Acesso em: 09 out. 2010.
- DUARTE, F. **Arquitetura e Tecnologias da Informação: da revolução industrial à revolução digital**. São Paulo: FAPESP: Ed. Unicamp, 1999.
- ECD. **Introdução ao Mercado Food Service**. São Paulo, 2010. 3 p. Disponível em: <http://www.ecdfoodservice.com.br> Acesso em: 09 out. 2010.
- FILKENSTEIN, J. *Cozinha chique: o impacto da moda na alimentação*. In: SLOAN, D. **Gastronomia, restaurantes e comportamento do consumidor**. Barueri, SP: Manole, 2005. cap. 4, p. 69-89.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: S. Nobel, 1995.
- FONSECA, M. T. **Tecnologias Gerenciais de Restaurantes**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- HARVEY, D. **Spaces of Hope**. Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 2000.
- JAMESON, F. **Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.
- LATOURETTE, B. **A Esperança de Pandora**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- _____. **Ciência em Ação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. *On actor-network theory-a few clarifications plus more than a few complications*. **Soziale welt-zeitschrift fur sozialwissenschaftliche forschung und praxis**. Jahrgang, v. 41, n. 4, p. 369-381. 1997. Disponível em: <http://www.cours.fse.ulaval.ca>. Acesso em: 03 set. 2010.
- LAW, J.; URRY, J. **Enacting The Social** (2002). Disponível em www.com.lancs.ac.uk/sociology/soc099jlju/html consulta em 20/06/2002.
- _____. **Notes on the Actor-Network Theory: Ordering, Strategy and Heterogeneity**. Paper published by the Center for Science Studies, Lancaster University, Lancaster La1 4yn. 1992. Disponível em <http://Www.Lancs.Ac.Uk/Fass/Sociology/Papers/Law-Notes-On-Ant.Pdf>.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Lisboa: Editorial Psy, 1995.
- MONTANER, J. M. **A Modernidade superada**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci**. Nova Iorque: Rizzoli, 1980.
- PEDRO, R. **Redes de Controle e Vigilância: Dinâmicas psicossociais a partir de novos dispositivos tecnológicos**. Rio de Janeiro: EICOS/IP-UFRJ, 2009. [projeto de pesquisa]
- PEDRO, Rosa. *Tecnologia e Complexidade: uma reflexão sobre a cultura contemporânea*. In: **Documenta**, n. 8. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 71-96.
- _____. *As Redes na Atualidade*. In: D'AVILA, Maria I.; PEDRO, Rosa (org.) **Tecendo o Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- _____. *Cognição e Tecnologia: entre natureza, cultura e artifício*. In: **Documenta**, n. 9. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- _____. *Tecnologias de vigilância: um estudo psicossocial a partir da análise de controvérsias*. In: **Anais do XXIX Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambú: ANPOCS, 2005. [CD-ROM]
- PEDRO, R.; NOBRE, J. C. *Dos sólidos às redes: algumas questões sobre a produção de conhecimento na atualidade*. In: **Documenta**, n. 12-13. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001-2002, p. 43-56.
- PEDRO, R.; PACHECO, Ana L. **Natureza e Sociedade nas Redes Sociotécnicas: O Ecoturismo sob o Modelo dos Coletivos**. In: D'AVILA, M. I.; PEDRO, R. (org.) 2003. p. 185-200.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, J. **Entre o Tempo e a Eternidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D. *Cognição experiencial, observação incorporada e sustentabilidade na avaliação pós-ocupação de ambientes urbanos*. In: **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.7, n.1, p. 35-46, jan-mar 2007.

RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D.; DEL RIO, V. *A influência do projeto na qualidade do lugar*. In: **Sociedade e Território** n. 39. Lisboa: Afrontamento, dez 2005, p. 100-118.

SCHLEE, M. *et al. Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras – Um Debate Conceitual*. In: TÂNGARI, V. R.; ANDRADE, R. De; SCHLEE, M. B. (Org.) **Sistema de Espaços Livres: o cotidiano, apropriações e ausências**. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ, 2009. p. 28-49.¹

SCHÖN, Donald A. **Educando o Profissional Reflexivo**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. São Paulo: Rio de Janeiro: Record, 2009.

SPERLING, David. **Espaço e Evento: considerações críticas sobre a arquitetura contemporânea**. São Paulo: FAUUSP, 2008. Tese [Doutorado em Arquitetura]

VIANA, Lidia Q. **A contribuição da arquitetura na concepção de edificações penais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Dissertação [Mestrado em Arquitetura]

YÁSIGI, E. **A Alma do Lugar: Turismo, planejamento e cotidiano**. (2ª Ed.) São Paulo: Contexto, 2001.

WALTER, E. **Placeways: A Theory of the Human Environment**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1988.

